



SENTENÇAS ABSOLUTAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO ADULTO E INFANTIL: DADOS EXPERIMENTAIS¹

ABSOLUTE SENTENCES IN ADULT AND CHILD BRAZILIAN PORTUGUESE: EXPERIMENTAL DATA

Camilla de Rezende²
Elaine Grolla³

Resumo: As sentenças absolutas consistem em uma alternância na valência de verbos transitivos encontrada no Português Brasileiro (PB), tal como “A casa vendeu”. Segundo Negrão & Viotti (2010), nas absolutas, o argumento que representaria a energia responsável pela causa do evento não está presente e nem chega a ser conceitualizado. Não há, portanto, o que chamam de uma força indutora (NEGRÃO & VIOTTI, 2010). As autoras defendem que, nas absolutas, vP não é projetado. Hipotetizamos ainda que verbos instrumentais (como “pintar”) podem ter a força indutora conceitualizada no instrumento (pincel). Para testar as hipóteses, conduzimos um experimento de produção eliciada com 56 crianças entre 3;8 e 6;0 (divididas em dois grupos) e 28 adultos falantes de PB. Os participantes assistiram a animações e tinham que dizer a um fantoche o que havia acontecido em cada uma delas. As variáveis independentes foram: presença de agente (com e sem) e tipo de verbo (instrumental e não instrumental). Os resultados sugerem que ambas as variáveis influenciaram as respostas tanto de crianças como de adultos: os contextos sem agente (p-valor <.0001) e os contextos com verbos não instrumentais (p-valor <.0001) se mostraram mais propícios para a produção de sentenças absolutas. Com relação à diferença de comportamento entre os grupos, as crianças mais novas testadas produziram mais frequentemente absolutas do que passivas, o que indica que a absoluta, por ser menos complexa, é uma estrutura mais acessível nos estágios iniciais da aquisição do PB.

Palavras-chave: sentenças absolutas; estudo experimental; aquisição de linguagem.

Abstract: Absolute sentences consist of a verb valence alternation observed in Brazilian Portuguese (BP), such as “The ball kicked”[“The ball was kicked”]. According to Negrão & Viotti (2010), in these structures the argument that would represent the energy responsible for the cause of the event is not present and is not even conceptualized. Therefore, there is no inductive force and vP is not projected (NEGRÃO & VIOTTI, 2010). We hypothesized that instrumental verbs (such as “paint”) might have their inductive force conceptualized by their instrument (brush). In order to test this hypothesis, we conducted an elicited production task with 56 children between 3;8 and 6;0 (in two groups) and 28 adults, speakers of BP.

¹ Agradecemos aos adultos e às crianças que participaram desta pesquisa, assim como seus pais e responsáveis. Também gostaríamos de agradecer aos professores, diretores e coordenadores das escolas que abriram suas portas para que a pesquisa pudesse ser realizada: Colégio Giusto Zonzini e Escola de Educação Infantil Villas-Boas (São Paulo, capital). Agradecemos também aos dois pareceristas anônimos da revista pelos comentários e sugestões, que foram essenciais para o enriquecimento da versão final do texto. Esta pesquisa obteve financiamento do CNPq (processo n. 160613/2014-0 para a primeira autora e processo n. 308397/2017-7 para a segunda autora).

² Doutoranda na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. camilla.rezende@usp.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4557-5724>

³ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. egrolla@usp.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8126-0493>

Participants watched animations and had to describe to a puppet what had happened in each one. Therefore, the conditions tested were: presence of an agent (with and without) and type of verb (instrumental and non-instrumental). The results suggest that both conditions influenced the participants' productions: contexts without agents (p-value <.0001) and contexts with non-instrumental verbs (p-value <.0001) favored the production of absolutive sentences. Regarding the difference in behavior across groups, younger children produced more absolutives than passives, which indicates that the absolutive, being less complex, is a more accessible structure in the initial stages of the acquisition of BP.

Keywords: absolutive sentences; experimental study; language acquisition.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco a sentença absoluta, uma alternância de valência verbal própria do português brasileiro (doravante PB), sendo impossível no português europeu (NEGRÃO & VIOTTI, 2010). Observe os exemplos abaixo ((1) e (2) são retirados de Negrão & Viotti, 2010, p.38-39):

- (1) Meu jardim *destruiu* todo com a reforma.
- (2) Eu só vou trocar o carpete depois que a casa acabar de *pintar*.
- (3) Naquela época, as refeições não *pagavam*⁴.

Em referência a línguas do sistema ergativo-absolutivo, Negrão & Viotti⁵ chamam essas sentenças de absolutas⁶. Nelas, verbos tradicionalmente transitivos são usados como intransitivos. O objeto direto passa a ocupar uma posição pré-verbal e concorda em número e pessoa com o verbo, fazendo vezes de sujeito. Observe que as sentenças acima guardam alguma semelhança com sentenças na voz passiva. Semanticamente, as sentenças em (1)-(3) e suas respectivas “contrapartes passivas” abaixo parecem correspondentes:

- (4) Meu jardim todo *foi destruído* pela reforma.
- (5) Eu só vou trocar o carpete depois que a casa acabar de *ser pintada*.
- (6) Naquela época, as refeições não *eram pagas*.

Entretanto, as absolutas são estruturalmente mais simples que as passivas, não envolvendo os mesmos movimentos sintáticos e projeções, como veremos na seção seguinte.

As sentenças absolutas acima foram produzidas espontaneamente por falantes adultos de PB. Entre as crianças, não há ainda estudos utilizando produções espontâneas. Os dados já publicados de absolutas produzidas por crianças foram observados em ambiente experimental. Em geral, as absolutas são produzidas pelas crianças como uma alternativa a estruturas sintaticamente mais complexas. Como veremos na terceira seção, estudos observaram que as crianças lançam mão de absolutas quando são instadas, por exemplo, a produzir relativas de objeto. Grolla & Augusto (2016) reportam que, ao eliciar

⁴ Algumas absolutas no plural podem ser consideradas marginais por alguns falantes. Como apontou um dos pareceristas, há a possibilidade de que certas estruturas resultem de lapsos de produção, uma vez que representariam falhas no planejamento incremental de sentenças. Esse poderia ser o caso de algumas das absolutas produzidas espontaneamente. Ressaltamos, no entanto, que todos os exemplos aqui apresentados foram anotados a partir de conversas espontâneas de falantes adultos, de modo que os tomamos como produções lícitas da língua.

⁵ Conferir Negrão & Viotti (2008), (2010), (2011), (2012) e (2014).

⁶ A mesma construção é referida também como “construções de resultado” por Amaral (2015) e citada como “ergativas periféricas” por Ciríaco & Cançado (2009).

uma relativa em que a resposta esperada seria “eu escolho o milho que a menina está comendo”, crianças entre 4 e 5 anos adquirindo PB algumas vezes produzem “eu escolho o milho que está comendo”, o que se configura como uma oração relativa originada a partir de uma sentença absoluta.

Apesar de Negrão & Viotti apresentarem as construções absolutas como “cada vez mais atestadas na fala cotidiana do português brasileiro contemporâneo” (2014, p.317), não foram realizados estudos quantitativos para investigar o estatuto da estrutura com dados do PB adulto. Temos como um de nossos objetivos contribuir com a investigação sobre a produção dessa peculiar construção. Partindo da hipótese de Negrão & Viotti (2010) de que as absolutas não envolvem uma força indutora (i.e., o desencadeador da ação denotada pelo verbo, ver seção seguinte), nosso estudo experimental manipula a presença/ausência de um agente da ação e de um instrumento nos contextos apresentados aos participantes para observar qual é a sua influência na produção de estruturas absolutas. O experimento de produção eliciada foi aplicado a crianças em processo de aquisição do PB e a falantes adultos.

O artigo está organizado da seguinte forma: na próxima seção, caracterizamos mais detalhadamente as sentenças absolutas. A terceira seção traz estudos sobre as absolutas em língua infantil. A seção 4 é destinada ao nosso estudo experimental, composto por uma tarefa de produção eliciada. Na última seção, apresentamos nossas considerações finais.

2. ASPECTOS SEMÂNTICOS E SINTÁTICOS DAS SENTENÇAS ABSOLUTAS

Para a análise semântica das sentenças absolutas, Negrão & Viotti (2010)⁷, amparadas pela gramática cognitiva de Langacker (1991), observam que sua principal característica é a total ausência de uma força indutora: uma energia que dá início ao evento denotado pelo verbo. Isso significa que, na absoluta, não há nenhum elemento responsável pelo desencadeamento da ação⁸. Em estruturas como passivas sintéticas (como em “Vendem-se casas”), impessoais (a exemplo de “Aqui vive-se bem”) e ergativas (tal como “A porta (se) abriu”), tal elemento pode ser representado pelo clítico *se*⁹ (como aponta Jorge, 2016). Por não apresentar uma força indutora, a absoluta não permite a presença do *se*. Veja que a inserção desse elemento em uma absoluta resulta em uma sentença com leitura reflexiva anômala (“Meu jardim (*se) destruiu”).

Sintaticamente, Negrão & Viotti (2010) propõem que o argumento interno movido para a posição pré-verbal nas absolutas ocupa uma posição baixa na hierarquia sentencial, se comparada à posição canônica de sujeitos do PB. Argumentos agentes são tipicamente gerados em especificador de vP. Como não há, nas absolutas, nenhum agente, as autoras assumem que não há a projeção da categoria v. Sem o argumento agente, o argumento temático fica impossibilitado de checar Caso acusativo em sua posição de origem (como complemento de V) e, por isso, move-se para uma posição acima de VP, mas abaixo de CP, resultando na seguinte estrutura (NEGRÃO & VIOTTI, 2010, p. 57):

⁷ Para outras abordagens semânticas sobre as sentenças absolutas, conferir os trabalhos de Ciríaco & Cançado (2009), Amaral (2015) e Amaral & Cançado (2017).

⁸ É importante notar que é possível que o desencadeador da ação esteja presente nas absolutas por meio de um sintagma preposicionado (como no exemplo “meu jardim destruiu todo *com a reforma*”), assim como por meio de um instrumento, sobre o qual trataremos mais detidamente em nosso estudo experimental.

⁹ As passivas sintéticas, impessoais e ergativas diferem das absolutas por inúmeros fatores, sendo um deles o fato de que tais estruturas podem apresentar o clítico *se*, enquanto as absolutas não podem, como apontado no texto (para uma apresentação detalhada dessas diferenças, ver Negrão & Viotti (2010)).

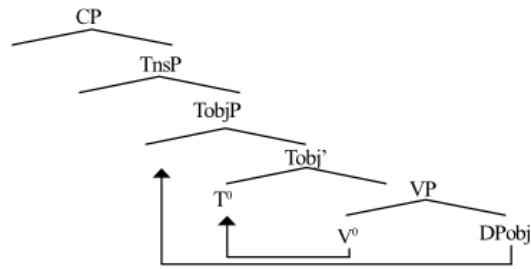


Figura 1: Estrutura da sentença absoluta (NEGRÃO & VIOTTI, 2010, p.57)

A representação acima foi postulada por Negrão & Viotti (2010) a partir da proposta de Ambar (1998) de cisão da projeção T. Como vemos, há duas projeções de T: TnsP, para o sujeito; e TobjP, para o objeto. Tns e Tobj são o tempo do enunciado e o tempo do evento, respectivamente (AMBAR, 1998). Nas sentenças absolutas, por não checar Caso acusativo, o argumento interno se move para [Spec, TobjP]. Após ter seu caso valorado como nominativo, o argumento fica congelado para outros movimentos, ocupando uma posição mais baixa na hierarquia sintática, quando comparada à posição de outros tipos de sujeito do PB (que podem ocupar a posição de [Spec, TnsP]). Essa proposta segue a ideia de que Caso é checado sempre em uma relação sonda-alvo, o que desencadeia o movimento do argumento interno/temático para especificador de TobjP para servir de alvo em uma relação de Agree com a sonda Tns.

Uma alternativa seria assumir que, nas absolutas, o argumento temático se move para a periferia esquerda da sentença, ocupando a posição de tópico, e não de sujeito. No entanto, como apontam Grolla & Augusto (2016), quando observamos o comportamento das absolutas em interrogativas, vemos que essa possibilidade não pode estar correta. Em perguntas, o argumento interno topicalizado aparece à esquerda da palavra interrogativa, como ilustra o exemplo (7). Já nas sentenças absolutas, o argumento interno não pode estar antes da palavra interrogativa (8), mas apenas depois dela (9).

(7) Meu jardim, quando a chuva destruiu?

(8) *Meu jardim, quando destruiu?

(9) Quando meu jardim destruiu?

Outra importante evidência de que o argumento interno está na posição de sujeito é trazida por dados como os abaixo (coletados de falas espontâneas de adultos falantes nativos de PB), em que o verbo concorda em número e pessoa com o argumento interno, no plural:

(10) Os últimos nachos não deram pra comer.

(11) Eu e você expulsamos do teatro ontem.

Comparando a estrutura atribuída às sentenças passivas com a das absolutas, as últimas se mostram menos complexas. De acordo com a análise de Collins (2005), a passiva envolve projeções como VoiceP e PartP (projeção que é complemento de vP e que tem VP como complemento). O argumento externo é gerado em especificador de vP e o argumento interno é gerado como complemento de V. Minimalidade Relativizada (MR, RIZZI, 1990) impede o movimento do argumento interno para [Spec, IP], já que o argumento externo em [Spec, vP] intervém. Collins (2005) propõe o movimento de todo

o PartP (que contém o argumento interno e outros elementos) para [Spec, VoiceP]. Com isso, o argumento interno sai de vP sem violar MR¹⁰.

Podemos dizer, então, que a passiva¹¹ é estruturalmente mais complexa do que a absoluta. Na derivação da passiva, há ao menos dois movimentos a mais envolvidos, ante apenas um nas absolutas. A passiva também envolve morfologia mais complexa, com o verbo “ser” auxiliar e a forma do particípio do verbo principal. Por fim, nas absolutas, como o argumento externo do verbo não é gerado, não há a projeção de vP, logo não há um elemento intervindo entre a posição de origem do movimento e sua posição final, pré-verbal.

Além das diferenças estruturais, a ausência da força indutora representa uma diferença adicional entre absolutas e passivas, já que, nas passivas, embora possa não ser pronunciado, há um agente conceitualizado, que pode ser recuperado por meio de uma oração subordinada de finalidade (AMARAL, 2015):

(12) O jardim foi destruído para magoar a Maria.

(13) *O jardim destruiu para magoar a Maria.

Como veremos adiante com nosso estudo experimental, as propriedades semânticas e sintáticas das absolutas fazem dela uma estrutura mais acessível a crianças do que outras estruturas que podem ainda estar sendo adquiridas. A próxima seção apresenta estudos que observaram a produção de absolutas por crianças adquirindo o PB justamente como estratégia de esquiva de uma estrutura já conhecidamente dificultosa a elas, a relativa de objeto.

3. AS ABSOLUTAS NA LÍNGUA INFANTIL: ESTUDOS ANTERIORES

As absolutas figuram entre as alternativas empregadas pelas crianças ao se depararem com a tarefa de produzir estruturas ainda difíceis para elas. Vivanco & Pires (2012), Grolla & Augusto (2016) e Rangel (2017) investigaram a produção de orações relativas de objeto por crianças adquirindo PB como língua materna. Foi observado que as crianças brasileiras recorrem a estruturas alternativas quando instadas a produzir uma relativa de objeto. Um dessas alternativas é a relativa absoluta, como:

(14) A melancia que comeu (para: a melancia que a Magali comeu)

(15) A bola que chutou (para: a bola que o menino chutou)

Esses estudos analisam tais estruturas como relativas originadas de estruturas absolutas. Ou seja, “a bola que chutou” seria derivada de “a bola chutou”.

Estudos anteriores em diversas línguas¹² observaram que as crianças apresentam dificuldades com a relativa de objeto direto (16), preferindo estruturas alternativas quando instadas a produzi-la, como relativas de sujeito com mudança de verbo (17), relativas

¹⁰ Para detalhes sobre a proposta, conferir Collins (2005).

¹¹ Curiosamente, Kim (2006) observou o efeito de *priming* causado por sentenças inacusativas na produção de sentenças passivas. De acordo com Momma, Slevc & Phillips (2018, p.190), o resultado de Kim sugere que alguma representação ou processo é partilhado entre as estruturas, como uma operação de movimento em comum.

¹² Ver, por exemplo, Belletti & Contemori, 2010; Utzeri, 2007 (para o italiano), Guasti & Cardinalletti, 2003 (para o francês), Adani et al., 2012 (para o alemão), Friedmann et al., 2009 (para o hebraico), De Villiers et al., 1979 (para o inglês); Grolla & Augusto, 2016 (para o português brasileiro), entre outros.

passivizadas (18) e, no italiano infantil, relativas *si-fa*, como em (19), reportada em Utzeri (2007: 298):

- (16) O aluno₁ que a professora abraçou t₁.
(17) O aluno₁ que t₁ recebeu um abraço da professora.
(18) O aluno₁ que t₁ foi abraçado.
(19) Il bambino che si fa pettinare dal re.
A criança que se faz pentear pelo rei¹³

Em geral, é postulado que as crianças recorrem a estruturas alternativas porque apresentam dificuldades com a relativa de objeto. Friedmann et al. (2009) propõem que a dificuldade estaria relacionada a efeitos de intervenção. Observe que, em uma relativa de objeto, o sujeito da oração relativa (em **negrito** abaixo) intervém entre a origem do movimento e a posição de pouso:

- (20) O aluno que **a professora** abraçou t.
A diagram illustrating movement in a relative clause. It shows the sentence "(20) O aluno que a professora abraçou t.". A horizontal line is drawn below the words "a professora abraçou". From the left end of this line, a vertical arrow points upwards to the word "a". From the right end of the horizontal line, a vertical line goes down to the letter "t.". A horizontal line then connects these two vertical lines, forming a U-shape that represents the movement of the NP "a professora" from its original position to the subject position.

Assumindo a estrutura da relativa que envolve movimento do NP relativizado (KAYNE, 1994; KATO & NUNES, 2014), temos que o NP “aluno”, ao se mover da posição de complemento de V para a posição de núcleo da relativa, cruza o DP sujeito “a professora”, que possui o mesmo traço [+NP] que o elemento movido. Friedmann et al. (2009) propõem que as crianças têm uma capacidade de processamento mais limitada que os adultos e, por isso, apresentam maior dificuldade em estruturas em que os traços do elemento interveniente e os traços do elemento movido apresentam a mesma especificação. Em outras palavras, as crianças conseguem processar apenas estruturas em que há disjunção total de traços (ou seja, em que não há nenhuma sobreposição de traços comuns)¹⁴.

Observe que as estruturas alternativas às relativas de objeto produzidas pelas crianças apresentam uma característica comum: não há um elemento interveniente entre o elemento movido e sua posição-alvo. Relativas de sujeito, relativas passivizadas, estruturas *si-fa* do italiano e relativas absolutas em PB são relativas em que um elemento se move da posição de sujeito, evitando o movimento do NP relativizado sobre outro elemento com o traço [+NP].

Vivanco & Pires (2012), Grolla & Augusto (2016) e Rangel (2017) propõem, portanto, que as relativas absolutas produzidas nos experimentos eliciando relativas de objeto constituem uma maneira de as crianças evitarem a produção das relativas de objeto, que são mais custosas computacionalmente.

¹³ Nesse caso, a sentença esperada era:

(i) Il bambino che il re pettina
A criança que o rei penteia

¹⁴ Para detalhes da proposta dos autores e uma bateria de estudos que a corroboram, ver Friedmann et al. (2009), Belletti & Contemori (2010), Belletti & Rizzi (2013) e Utzeri (2007). Friedmann et al. (2009) observam que o problema surge se tanto o alvo do movimento (núcleo da relativa) quanto o sujeito dentro dela forem restritos lexicamente. Quando o sujeito ou o alvo não carregam uma restrição lexical (como em relativas livres ou na presença de um sujeito *pro* impessoal), as crianças apresentam comportamento adulto, exibindo menos dificuldades (FRIEDMANN ET AL. 2009, exemplo (12) no original, p. 75):

(i) Tare li et ha-sus she-mesarkim oto.
Show to-me ACC the-horse that-brush-pl him
'Show me the horse that someone is brushing.'

Nesses estudos, é possível observar que há um claro efeito de aquisição envolvido. Em Grolla & Augusto (2016)¹⁵, um estudo de produção eliciada com 20 crianças de 4 anos de idade, 20 crianças de 5 anos de idade e 20 adultos (grupo de controle), entre as estratégias utilizadas para evitar a relativa de objeto, as absolutas foram a mais frequentemente utilizada pelas crianças de 4 anos (26,25%), que não produziram nenhuma relativa passiva. As crianças de 5 anos apresentaram um perfil um pouco diferente, pois, além das absolutas (28,75%), produziram passivas (11,25%). Já entre os adultos, a taxa de absolutas é bem baixa (1,25%) e a taxa de produção de relativa passiva é bem mais alta que para as crianças (40%). Vemos um percurso das crianças rumo a um comportamento adulto: as de 4 anos mais distantes e as de 5 anos mais próximas dos adultos.

Um padrão semelhante foi observado por Rangel (2017), que testou 90¹⁶ crianças e 20 adultos, que compuseram um grupo de controle. Todos os grupos utilizaram estratégias para evitar as relativas de objeto. As absolutas, no entanto, aparecem como estratégia de esquiva apenas nos grupos de crianças. As mais novas (4 anos) são as que mais se valem da absoluta, em 24,2% dos casos. As de 5 anos as produzem 22,9% das vezes. As mais velhas (6 anos) apresentam frequência de 15,3%. Os adultos não produziram sentenças absolutas.

Já a frequência de passivas aumentou de acordo com a faixa etária. As crianças mais novas produziram apenas 2,6% de passivas. As de 5 anos produziram 7,1% e as de 6 anos produziram 21,4%. A maior taxa foi produzida pelos adultos, que utilizaram a passiva amplamente (85,6% dos casos).

Os dados desses estudos sugerem que, como são menos complexas estruturalmente, as absolutas se fazem mais acessíveis como estratégia de esquiva para as crianças mais novas, para as quais a passiva pode ainda impor dificuldades¹⁷. À medida que se torna mais disponível, a passiva passa a ser uma estratégia mais frequente. O comportamento das crianças caminha em direção ao comportamento do adulto, de modo que as crianças mais velhas são as que mais produzem passivas e as que menos produzem absolutas.

Vivanco & Pires (2012), Grolla & Augusto (2016) e Rangel (2017) observaram a produção de absolutas por crianças adquirindo PB. No entanto, esses estudos não tinham como objetivo eliciar absolutas. Na próxima seção, apresentamos nosso estudo experimental, que investigou especificamente a produção de absolutas, em condições que favorecem (ou não) o seu surgimento. Diferentemente dos estudos anteriores, nosso foco não são as relativas absolutas, mas sim as absolutas simples, como nos exemplos (1) a (3) acima.

4. NOSSO ESTUDO EXPERIMENTAL

4.1. Objetivo e hipótese

O objetivo deste estudo é investigar o comportamento linguístico de crianças e adultos com relação às sentenças absolutas, por meio de um experimento de produção. Mais especificamente, nós investigamos duas hipóteses. Seguindo Negrão & Viotti (2010), a primeira hipótese é a de que a estrutura absoluta não projeta vP, não veiculando

¹⁵ Os dados apresentados a seguir referem-se à eliciação de relativas de objeto. No mesmo artigo, as autoras trazem dados referentes à eliciação de relativas de sujeito, que não são comentados aqui.

¹⁶ As crianças testadas foram divididas em três grupos (cada um com 30 participantes) de acordo com a faixa etária: de 4;0 a 4;11 anos, de 5;0 a 5;11 anos e de 6;0 a 6;11 anos.

¹⁷ As estruturas passivas são conhecidamente difíceis para as crianças. Em diversas línguas estudadas, crianças menores que 5 anos apresentam dificuldades com essas estruturas. Para uma discussão, ver Borer & Wexler (1987); Crain, Thornton & Murasugi (2009); Crawford (2012); Demuth, Moloji & Machobane (2010); Fox & Grodzinsky (1998); Lima Junior (2016); Maratsos et al. (1985); Messenger et al. (2012); O'Brien, Grolla & Lillo-Martin (2006); Orfitelli (2012); Pierce (1992); Snyder & Hyams (2015); dentre muitos outros.

um elemento que desencadeia a ação denotada pelo verbo. Dado que o elemento que desencadeia a ação do verbo é, em geral, o argumento com papel temático de agente, manipulamos a influência que a presença/ausência de um agente desempenha na produção de tais estruturas.

A primeira hipótese, de que a absoluta não projeta vP, leva-nos à previsão de que contextos (isto é, imagens) sem o agente da ação serão mais propícios para a produção de sentenças absolutas. Ou seja, as absolutas serão mais produzidas quando o contexto não apresentar o agente responsável pela ação expressa pelo verbo, em comparação a contextos análogos em que há um agente.

Observe que não é apenas o agente que pode ser o desencadeador de uma ação. A nossa segunda hipótese de trabalho é a de que, para verbos que selecionam um argumento com papel temático de instrumento, o instrumento é um potencial desencadeador de uma ação, podendo ser considerado uma força indutora. Por isso, em nosso experimento, manipulamos a influência que a presença de um instrumento teria nas respostas dos participantes, por meio da comparação de contextos com verbos que envolvem um instrumento e verbos que não envolvem um instrumento.

Essa segunda hipótese leva-nos à previsão de que, comparativamente, os contextos com verbos que não envolvem um instrumento eliciarão mais absolutas do que os com verbos que envolvem um instrumento, visto que o instrumento pode representar a força indutora.

4.2. Variáveis independentes e condições

Manipulando os contextos apresentados aos participantes, uma das variáveis de nosso experimento é a presença de agente da ação: com agente ou sem agente. Nossa segunda variável é o tipo de verbo: instrumental ou não instrumental.

Temos, por conseguinte, um estudo 2x2, com as 4 condições a seguir:

		Presença/Ausência do agente	
		Com agente	Sem agente
Tipo de verbo	Instrumental	Instrumental, com agente	Instrumental, sem agente
	Não instrumental	Não instrumental, com agente	Não instrumental, sem agente

Tabela 1: Condições experimentais

Como já observado na seção anterior, se as absolutas de fato não envolvem uma força indutora e, por conseguinte, não projetam vP, não possuindo um agente, as condições sem agente devem propiciar um maior número de produção de absolutas. Caso os instrumentos sejam considerados desencadeadores da ação, as condições com verbos não instrumentais também devem propiciar uma maior produção de absolutas. Ou seja, combinando essas duas previsões, temos que a condição “não instrumental, sem agente” deve ser a maior favorecedora da produção de absolutas.

4.3. Metodologia

4.3.1 Participantes

Todos os participantes são falantes nativos de PB. Participaram do experimento 56 crianças, divididas em dois grupos de acordo com a faixa etária: grupo 1, com 28 crianças com idade entre 3;8 e 4;11, e grupo 2, com 28 crianças com idade entre 5;0 e 6;0. Além disso, o experimento conta com 28 adultos. Cada grupo etário foi dividido em

dois subgrupos de acordo com a versão dos vídeos a que os participantes assistiram (detalhado a seguir).

4.3.2. Material

Realizamos um estudo de produção eliciada em que os participantes assistiam a curtas animações em vídeo¹⁸ e depois descreviam para um fantoche o que tinham visto. Cada vídeo apresentava um evento (que elicia um verbo) e seu resultado final. Para cada evento, há duas versões: na primeira delas, após determinado processo, era apresentado o resultado final sem nenhum personagem envolvido no início ou no andamento do procedimento. Essa versão representava a conceitualização dos eventos sem a presença de um elemento desencadeador do evento. A segunda versão mostrava o mesmo processo, porém com a presença de um personagem responsável pelo desenvolvimento da ação. Em uma sentença ativa, esse personagem representaria o argumento agente.

Para a produção das animações, utilizamos imagens disponíveis na internet, manipuladas com Photoshop¹⁹. Havia 6 itens para cada condição, totalizando 24 itens. Desse modo, foram desenvolvidos 24 vídeos²⁰, referentes a 12 verbos (6 instrumentais e 6 não instrumentais) em duas versões (com e sem agente). Dado que os vídeos são idênticos (a não ser pela presença ou não do agente), apresentar todos para a mesma criança poderia deixá-la entediada com a repetição, além do risco de ela repetir uma estrutura produzida anteriormente para o mesmo verbo, num efeito de *priming*. Por isso, cada participante assistiu a apenas uma versão de cada animação, em um estudo *between subjects*. Ambos os subgrupos de participantes assistiram a animações com e sem agente e com verbos instrumentais e não instrumentais, de modo que foram produzidas duas listas:

- a. VERBOS COM AGENTE: limpar, escrever, cortar, pescar, pintar e tocar
VERBOS SEM AGENTE: plantar, destruir, comer, construir, jogar e apontar;
- b. VERBOS COM AGENTE: plantar, destruir, comer, construir, jogar e apontar
VERBOS SEM AGENTE: limpar, escrever, cortar, pescar, pintar e tocar.

Todos os verbos utilizados são transitivos diretos e agentivos e foram divididos em instrumentais – apontar (apontador), pintar (pincel), cortar (tesoura), escrever (caneta), pescar (vara) e plantar (pá) – e não instrumentais – limpar, construir, destruir, comer, tocar e jogar.

Nas versões com agente, controlamos o gênero do argumento temático, para que fosse diferente do gênero do personagem agente. Isso foi feito a fim de evitar ambiguidades quando o participante produzisse pronomes, como em “ela limpou”, que poderia ser proferida em um contexto em que a menina limpou a mesa. Nesse caso, o pronome “ela” poderia se referir tanto a “mesa” quanto a “menina”, por exemplo.

¹⁸ Para acesso às imagens utilizadas no experimento, contatar a primeira autora (camilla.rezende@usp.br).

¹⁹ A produção dessas imagens jamais teria sido possível sem a valiosa ajuda de Giovanna Svizzero, que foi quem nos auxiliou com o uso do software Photoshop. Ficam aqui os nossos agradecimentos.

²⁰ Além disso, 11 animações foram utilizadas como distratoras e 4 para aquecimento (*warm-up*). As distratoras apresentam um verbo intransitivo com um personagem (como em “andar”, em que o personagem Cebolinha aparece andando) ou um verbo que expressa fenômenos da natureza (como “chover” e “ventar”), portanto, sem personagem. Já o aquecimento refere-se a uma fase anterior ao teste, cujo objetivo é verificar se o participante compreendeu bem a tarefa. No aquecimento, não são feitas correções quanto à estrutura linguística utilizada pelo participante.

4.3.3 Procedimento

Antes da exibição de cada animação, a pesquisadora explicava para o participante que eles veriam um vídeo, utilizando explicitamente o verbo eliciado. Por exemplo, para o vídeo referente ao verbo “pintar”, era dito: “Vamos ver uma história sobre ‘pintar’”.

Utilizamos um fantoche, chamado Lelo, que, no contexto da entrevista, tinha muitas dificuldades para enxergar. Além disso, ele era apresentado como muito curioso. Por isso, o participante da pesquisa era convidado a ajudar o fantoche, que não conseguia ver as imagens, contando-lhe o que havia assistido nas histórias. Ao final de cada vídeo, a fim de deixar proeminente o argumento temático do verbo, a entrevistadora pedia: “Conta para o Lelo o que aconteceu com a cerca”, com ênfase na pronúncia de “cerca”.

Esperávamos que o participante utilizasse o verbo-alvo (que, nos exemplos acima, é “pintar”), já que este havia sido mostrado na animação e apresentado antes da exibição, pela entrevistadora. No entanto, o participante era livre para responder como quisesse, sem interferências, de modo que as respostas obtidas incluem casos em que os participantes não utilizaram o verbo esperado. Além disso, os sujeitos de pesquisa utilizaram-se de estruturas de diversos tipos. Deve ser observado que, no contexto do experimento, sentenças estruturalmente diferentes são pragmaticamente adequadas para a descrição da cena.

4.4. Resultados

4.4.1 Classificação dos dados

Após assistir ao vídeo, o participante era convidado a contar o que aconteceu com o argumento temático. Como não havia nenhum tipo de treinamento ou *feedback*, o participante respondia livremente usando a estrutura que escolhesse. O método se mostrou eficiente e os participantes produziram diversas estruturas diferentes, como apresentado na tabela a seguir.

Estrutura	Exemplos (com o verbo “apontar”)
Ativa	“A Magali apontou”/ “Ela apontou”/ “Alguém apontou”
Passiva	eventivas: “O lápis foi apontado”.
	resultativas: “O lápis ficou apontado”; “Ficou apontado”.
	estativas: “O lápis tá/tava apontado”; “Tá/tava apontado”.
Absoluta	“O lápis apontou”
Ficar/estar + adjetivo ²¹	“O lápis ficou pontudo”/ “O lápis tá/tava pontudo”/ “Tá/tava pontudo”
Sujeito indeterminado	“Apontaram o lápis”/ “Eles apontaram o lápis”/ “Apontou o lápis”

²¹ Neste item foram anotados casos nos verbos limpar e apontar (adjetivos: limpo e pontudo), já que consideramos apenas adjetivos diretamente relacionados aos verbos, cuja raiz fosse comum.

Sujeito e objeto nulos	“Apontou”
Conceitualização diversa	“A sujeira do lápis caiu no chão”

Tabela 2: Classificação das produções

Em sujeito indeterminado, estão agrupados casos em que o sujeito é plural, porém semanticamente indeterminado, como “Apontaram o lápis”; assim como casos no singular, como “Apontou o lápis”, em que não é possível determinar a quem o falante se referia como sujeito. A estrutura em que o verbo está no singular é apontada por Carvalho (2016) como uma versão verbo-sujeito (VS) da absoluta, o que seria um indício de que as absolutas são inacusativas²². Nós optamos por uma postura mais conservadora, classificando como absolutas apenas as sentenças em que o argumento interno aparece em posição pré-verbal.

A este ponto devemos fazer uma observação sobre a estrutura com sujeito e objeto nulos. O argumento temático sempre era apresentado como tópico da conversa, por meio da pergunta “o que aconteceu com o [argumento temático]?”. Se pensarmos, como exemplo, no verbo limpar, a pergunta seria “o que aconteceu com o chão?”. Sendo o tópico da conversa, o mais natural é imaginar que o participante responderia algo falando sobre “o chão”. Portanto, é possível que a categoria “sujeito e objeto nulos” represente instâncias de absolutas, já que o mais natural seria a retomada do tópico instaurado na pergunta, mesmo que não pronunciado:

- (21) a. O que aconteceu com o chão?
 b. [O chão] limpou.

Como essa é uma possibilidade que não pode ser confirmada, optamos novamente por uma postura conservadora, apresentando esses dados em uma categoria separada das absolutas, assim como fizemos com a estrutura com sujeito indeterminado singular.

4.4.2 Análise descritiva

Na comparação entre os grupos, considerando a variável presença de agente, a frequência de produção de cada estrutura foi distinta, como observamos na tabela a seguir, com a frequência relativa na primeira linha e a frequência absoluta, entre parênteses, na segunda linha.

²² As sentenças absolutas são chamadas por Carvalho (2016) justamente de “versão inacusativa da alternância agentiva”.

	Grupo 1 (N=28)		Grupo 2 (N=28)		Adultos (N=28)	
	sem agente	com agente	sem agente	com agente	sem agente	com agente
Ativa	24,53% ²³ (52)	47,69% (103)	24,19% (52)	52,61% (111)	24,55% (54)	65,90% (143)
Passiva	8,96% (19)	7,41% (16)	18,14% (39)	12,32% (26)	29,55% (65)	13,82% (30)
Absoluta	13,68% (29)	4,63% (10)	10,23% (22)	3,32% (7)	6,82% (15)	0,00% (0)
Suj+obj nulos	14,62% (31)	11,11% (24)	12,09% (26)	4,74% (10)	3,18% (7)	1,84% (4)
Outras ²⁴	38,21% (81)	29,16% (63)	35,35% (76)	27,01% (57)	35,90% (79)	18,44% (40)
Total	100,00% (212)	100,00% (216)	100,00% (215)	100,00% (211)	100,00% (220)	100,00% (217)

Tabela 3: Comparação entre as condições com e sem agente para todos os grupos (N = 84)

Na comparação entre os contextos sem agente e com agente, para todas as faixas etárias, a estrutura ativa foi produzida mais frequentemente nos contextos com agente, enquanto todas as outras estruturas foram mais frequentes nos contextos sem agente. Esse resultado não é surpreendente, visto que, quando o agente está presente, é natural que ele seja tomado como o sujeito da sentença (ainda que o tema seja colocado como tópico da conversa), resultando em uma estrutura ativa.

O contrário é visto com as demais estruturas, em que os contextos sem agente eliciaram mais passivas, absolutas, estruturas com sujeito e objeto nulos e outras, em comparação aos contextos com agente. Sem o agente, o tema ganha maior proeminência. Posto como tópico da conversa, o tema é tomado como sujeito da sentença. Por isso, os contextos em que o personagem agente não está presente são mais propícios para passivas e absolutas, estruturas em que a posição de sujeito é ocupada pelo argumento temático.

Na condição sem agente, as absolutas têm maior frequência entre as crianças mais novas, diminuindo progressivamente de acordo com a idade (13,68% > 10,23% > 6,82% respectivamente para grupo 1, grupo 2 e adultos). No caminho inverso, as passivas têm menor frequência entre o grupo 1 (8,96%), aumentando entre o grupo 2 (18,14%), e mais ainda entre o grupo de adultos (29,55%). Note que as crianças mais novas produzem mais absolutas (13,68%) do que passivas (8,96%).

Ainda nos contextos sem agente, a estrutura com sujeito e objeto nulos apresenta uma frequência maior entre o grupo 1 (14,62%), diminuindo de acordo com a idade (12,09% para o grupo 2 e somente 3,18% para os adultos). Como já explicitamos na seção anterior (4.4.1), o mais natural seria pensar que estruturas com sujeito e objeto nulos são, na verdade, absolutas em que o sujeito está nulo. Se esse raciocínio estiver no caminho certo, não será mera coincidência que essa estrutura apresente a mesma tendência que as absolutas: diminuição progressiva da frequência de acordo com a idade.

²³ As ativas produzidas a partir do contexto sem agente apresentam predominantemente “alguém” como sujeito, como em “Alguém plantou a florzinha” e “Alguém plantou”. Ainda que um personagem não tenha aparecido nas imagens, nesses contextos, algumas crianças produziram de forma criativa sentenças com um personagem como sujeito.

²⁴ Nesta categoria estão agrupados os dados referentes às estruturas “ficar/estar + adjetivo”, “sujeito indeterminado” e “conceitualização diversa”. A frequência relativa da categoria é alta porque, em muitos casos, os participantes fizeram uso da “conceitualização diversa” para realizar a tarefa, ou seja, não utilizando o verbo eliciado.

Considerando a seguir o tipo de verbo (instrumental e não instrumental), observe os dados na tabela abaixo, que organiza as produções em função dessa condição:

	Grupo 1 (N=28)		Grupo 2 (N=28)		Adultos (N=28)	
	não inst.	inst.	não inst.	inst.	não inst.	inst.
Ativa	35,81% (77)	35,94% (78)	41,63% (87)	32,89% (75)	47,98% (107)	42,13% (91)
Passiva	5,12% (11)	6,91% (15)	8,61% (18)	13,16% (30)	12,56% (28)	25,46% (55)
Absoluta	12,56% (27)	5,53% (12)	8,61% (18)	4,82% (11)	6,28% (14)	0,46% (1)
Suj+obj nulos	12,09% (26)	13,82% (30)	4,78% (10)	11,40% (26)	1,79% (4)	3,24% (7)
Outras	34,42% (74)	37,79% (82)	36,36% (76)	37,72% (86)	31,39% (70)	28,70% (62)
Total	100% (215)	100% (217)	100% (209)	100% (228)	100% (223)	100% (216)

Tabela 4: Comparação entre as condições com verbos instrumentais e não instrumentais para todos os grupos (N = 84)

Se considerarmos que os verbos instrumentais apresentam o instrumento como força indutora, esses cenários seriam menos propícios para as absolutas. Isso pode ser observado nos resultados apresentados na tabela acima, em que as absolutas foram mais frequentemente produzidas com verbos não instrumentais do que com verbos instrumentais, para todos os grupos, ainda que em frequências diferentes (12,56% *versus* 5,53% para o grupo 1; 8,61% *versus* 4,82% para o grupo 2; e 6,28% *versus* 0,46% para os adultos).

Assim como vimos nas condições referentes à presença/ausência do agente, há também nas condições referentes ao tipo de verbo uma clara diferença de comportamento de acordo com a idade. Nos contextos com verbos não instrumentais, as absolutas foram mais frequentes entre o grupo 1 (12,56%), sendo um pouco menos frequentes entre o grupo 2 (8,61%) e menos ainda entre os adultos (6,28%). Analogamente, as passivas têm aumento progressivo da frequência de acordo com a idade (5,12% < 8,61% < 12,56%). O mesmo padrão de comportamento é visto na condição com verbos instrumentais: a frequência de passivas aumenta progressivamente de acordo com a idade (6,91% < 13,16% < 25,46%), enquanto a frequência de absolutas diminui (5,53% > 4,82% > 0,46%). Esses dados são interessantes à medida que sugerem diferenças no comportamento dos grupos.

O número de participantes que produziram ao menos uma absoluta diminui à medida que a idade aumenta. Entre as crianças do grupo 1, 18 (dos 28) sujeitos produziram absolutas. O grupo 2 conta com 15 (de 28) crianças que produziram absolutas. Já entre os adultos, 9 (dentre 28) participantes produziram absolutas. É válido ressaltar que nenhum padrão específico de comportamento foi detectado em nenhum participante, adulto ou criança. Ou seja, todos os participantes fizeram uso de ao menos três estruturas diferentes (dentre as sete que apareceram nos dados) em suas respostas.

Passamos a observar o cruzamento das variáveis presença de agente e tipo de verbo na produção de absolutas. A tabela (5) a seguir apresenta os dados de produção de absolutas por condição em números absolutos, com as respectivas porcentagens entre parênteses.

Variável	Verbo não instrumental	Verbo instrumental	Total
Com agente	10 (12,05%)	7 (8,43%)	17 (20,48%)
Sem agente	49 (59,04%)	17 (20,48%)	66 (79,52%)
Total	59 (71,08%)	24 (28,92%)	83 (100%)

Tabela 5: Cruzamento das variáveis presença de agente e tipo de verbo – produção de absolutas (N=84)

De acordo com nossas previsões, a condição “não instrumental, sem agente” deveria favorecer mais a produção de absolutas. E é precisamente isso o que observamos nos dados da tabela acima. Do mesmo modo, seguindo nossas previsões, a condição “instrumental, com agente”, o ambiente menos propício às sentenças absolutas, apresenta a menor frequência de produção da estrutura.

4.4.3. Análise inferencial

Para a análise estatística inferencial dos resultados, foi utilizada a Regressão Logística Multinomial para medidas repetidas²⁵. As análises foram realizadas com o software estatístico SAS 9.4²⁶ e foi fixado o nível de significância $\alpha = 0,05$.

A presença ou ausência de um personagem agente foi um fator estatisticamente relevante para a estrutura produzida. Encontramos significância na comparação entre as condições com agente e sem agente (p-valor <.0001). Com relação ao tipo de verbo, o teste de regressão multinomial aponta que a variável “verbo instrumental/não instrumental” também foi um fator relevante (p-valor <.0001).

Apesar da diferença observada no comportamento dos grupos, especialmente com relação à produção de absolutas e passivas, estatisticamente essa diferença não apresentou significância. Na comparação entre os dados do grupo 1 (de 3;8 e 4;11 anos) com os do grupo de adultos, não houve relevância estatística (p-valor = 0,5541), assim como na comparação entre os dados do grupo 2 (de 5;0 a 6;0 anos) com o dos adultos (p-valor = 0,8109).

Com relação ao cruzamento das condições ilustrado na tabela 5 acima, para comparar os resultados relativos à produção de absolutas nas condições experimentais, foi adotado o Teste Exato de Fisher, sendo as análises realizadas por meio do site da Social Science Statistics²⁷. Os resultados não foram significativos (p-valor = 0,23), a despeito de as médias seguirem na direção esperada: a condição “não instrumental, sem agente” é a que mais favorece e a condição “instrumental, com agente” é a que menos favorece a produção de sentenças absolutas. Estimamos que é necessária uma amostra maior de participantes para alcançar a significância estatística.

4.5. Discussão

Seguindo Negrão & Viotti (2010), tomamos como hipótese de trabalho que as sentenças absolutas não apresentam uma força indutora. Isso significa que não há, nas absolutas, nenhum elemento que desencadeia a ação denotada pelo verbo. Uma segunda

²⁵ O modelo é adequado dado que cada participante do estudo respondeu pelo menos 12 vezes (pelo menos uma vez por verbo) e a resposta é qualitativa.

²⁶ SAS Institute Inc., SAS 9.4 Help and Documentation, Cary, NC: SAS Institute Inc., 2020.

²⁷ JEREMY STANGROOM. Social Science Statistics, 2020. Fisher Exact Test Calculator. Disponível em: <<https://www.socscistatistics.com/tests/fisher/default2.aspx>>. Acesso em: 9 de set de 2020.

hipótese foi postulada com relação aos verbos que selecionam um argumento com papel temático de instrumento, já que o instrumento pode ser considerado o desencadeador da ação, ou seja, a força indutora. As hipóteses levaram, respectivamente, às seguintes previsões: (i) contextos sem agente serão mais propícios para a produção de absolutas; e (ii) contextos com verbos não instrumentais serão mais propícios para a produção de absolutas. Nossos resultados sugerem que essas hipóteses estão no caminho certo.

Comparando as condições para os três grupos, podemos observar que a ausência do agente da ação influenciou para que a frequência de produção de absolutas fosse maior na condição sem agente do que na condição com agente. Portanto, entre outros fatores que possivelmente influenciam a produção de absolutas, a ausência do personagem agente, o qual interpretamos como a força indutora, é claramente um deles.

A força indutora, entretanto, não deve ser considerada apenas o elemento com papel temático de agente. Como vimos, a força indutora refere-se ao elemento que desencadeia a ação denotada pelo verbo, de modo que impulsiona o início do processo. No caso do verbo “cortar”, por exemplo, a versão sem agente apresenta o instrumento tesoura, que, sem ser segurada por ninguém, desencadeia o processo de “cortar”. Não há nenhum personagem agente presente, mas a tesoura, ainda que “sozinha”, pode em certa medida ser considerada a força indutora do procedimento de “cortar o papel” assistido na animação²⁸.

Na comparação entre os tipos de verbos, os instrumentais se mostraram menos propícios à produção de absolutas do que os não instrumentais. Esse é mais um indício da ausência de força indutora nas absolutas. Das 83 sentenças absolutas produzidas pelos 3 grupos, 59 delas (71,08%) foram produzidas com verbos não instrumentais.

Quanto à acessibilidade da estrutura absoluta para as crianças, é interessante comparar a produção de passivas e absolutas. Em nosso experimento, a produção de passivas aumentou de acordo com a faixa etária (grupo 1 < grupo 2 < adultos), enquanto a produção de absolutas diminuiu. À medida que adquirem mais domínio sobre passivas (que sabidamente são difíceis nos estágios iniciais do processo de aquisição), as crianças passam a produzi-las mais frequentemente em detrimento das absolutas. Como mencionado na nota de rodapé 17, estudos sobre a aquisição de passivas em diversas línguas reportam a dificuldade das crianças mais novas com tais estruturas. Os contextos apresentados em nosso experimento favoreciam respostas formuladas com a promoção do argumento interno para a posição de sujeito da sentença, como em passivas e absolutas. Dada a maior complexidade estrutural da passiva e sua conhecida aquisição mais tardia, não é surpreendente o padrão de respostas obtido em nosso estudo. O mesmo foi observado em Grolla & Augusto (2016) e Rangel (2017): de acordo com a idade, as crianças passam a se valer menos da absoluta como estratégia de esquiva de relativas de objeto e a ter a estrutura passiva mais disponível entre suas estratégias.

Os adultos produziram menos de 7% de absolutas na condição sem agente e nenhuma absoluta na condição com agente. Esses dados são relevantes, pois indicam que os adultos, apesar de produzirem menos absolutas do que as crianças, também são influenciados pela presença/ausência do agente no contexto²⁹. Lembramos que Negrão & Viotti (2014, p.317) apresentam as sentenças absolutas como “cada vez mais atestadas na fala cotidiana do português brasileiro contemporâneo”. A sensibilidade dos adultos às variáveis manipuladas neste estudo é mais um passo na caracterização dessa estrutura na língua.

²⁸ A respeito desse ponto, agradecemos a sugestão da prof.^a dr.^a Evani Viotti, em comunicação pessoal.

²⁹ A baixa taxa de produção de absolutas em nosso estudo pode se dever a fatores contextuais não manipulados/controlados, algo que merece atenção em um estudo futuro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo relatado neste artigo, investigamos a produção de sentenças absolutas por falantes nativos de PB em idade pré-escolar e adultos. Ao manipular a presença do agente da ação nas imagens, observamos que os contextos sem o agente favoreceram a produção de absolutas. A manipulação do tipo de verbo (instrumental e não instrumental) também se mostrou relevante: mais absolutas foram produzidas com verbos não instrumentais.

Tomamos esses resultados como evidência a favor da hipótese de Negrão & Viotti (2010) de que, nas absolutas, não há uma força indutora. Por conseguinte, não há um agente. Nossos dados ajudam a corroborar tal hipótese: a condição sem agente propiciou a maior produção de absolutas tanto por parte das crianças quanto por parte dos adultos, porque ela traz o contexto ideal para esse tipo de estrutura. De modo análogo, com relação ao tipo de verbo, observamos a maior produção de absolutas com verbos não instrumentais, que são os contextos em que uma força indutora não é encontrada.

Sintaticamente, a ausência do agente implica a ausência de vP, o que resulta em uma estrutura menos complexa quando comparada a passivas, por exemplo. Nossos dados sugerem um percurso da criança rumo ao comportamento adulto. Uma possibilidade é atribuir a maior frequência de absolutas entre as crianças mais novas à acessibilidade da construção, visto que ela é menos complexa do que outras. Como vimos, à medida que a passiva se torna mais acessível, as crianças passam a utilizá-la com mais frequência.

Adultos produzem menos absolutas do que crianças, mas, de modo similar a elas, eles se mostraram sensíveis às variáveis manipuladas em nosso experimento. Esses resultados, inéditos na literatura, contribuem para uma melhor caracterização da estrutura em PB.

REFERÊNCIAS

- ADANI, Flavia; SEHM, Marie; ZUKOWSKI, Andrea. How do German children and adults deal with their relatives. *Advances in language acquisition*, p. 14-22, 2012.
- AMARAL, Luana Lopes. A alternância transitivo-intransitiva no português brasileiro: fenômenos semânticos. Tese de doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Belo Horizonte, 2015.
- AMARAL, Luana Lopes; CANÇADO, Márcia. Alternância de transitividade com verbos agentivos em PB: a louça já lavou, a casa já vendeu, o caminhão já carregou. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 25, n. 4, p. 1871-1904, 2017.
- AMBAR, Manuela. Inflected infinitives revisited: Genericity and single event. *Canadian Journal of Linguistics/Revue canadienne de linguistique*, v. 43, n. 1, p. 5-36, 1998.
- BELLETTI, Adriana; CONTEMORI, Carla. Intervention and attraction. On the production of subject and object relatives by Italian (young) children and adults. *Language acquisition and development*, 3. *Proceedings of Gala*, p. 39-52, 2010.
- BELLETTI, Adriana & RIZZI, Luigi. Ways of avoiding intervention: some thoughts on the development of object relatives, passive and control. In: Rich languages from poor inputs, PIATTELLI-PALMARINI, M. & BERWICK, Robert (eds.), p.115-126. Oxford: OUP. 2013.
- BORER, Hagit; WEXLER, Kenneth. The maturation of syntax. In: Roeper T., Williams, E. (eds.) *Parameter setting. Studies in Theoretical Psycholinguistics (vol. 4)*. Springer, Dordrecht, p. 123-172, 1987.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Em defesa da categoria de voz média no português. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 19, n. 1, 2003.
- CARVALHO, Janayna Maria da Rocha. *A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2016.
- CIRÍACO, Larissa; CANÇADO, Márcia. A alternância causativo-ergativa no português brasileiro. *Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 16, n. 24, 2009.

- COLLINS, Chris. A smuggling approach to the passive in English. *Syntax*, v. 8, n. 2, p. 81-120, 2005.
- CRAIN, Stephen; THORNTON, Rosalind; MURASUGI, Keiko. Capturing the evasive passive. *Language Acquisition*, v. 16, n. 2, p. 123-133, 2009.
- CRAWFORD, Jean Lenore. *Developmental perspectives on the acquisition of the passive*. University of Connecticut, 2012.
- DEMUTH, Katherine; MOLOI, Francina; MACHOBANE, Malillo. 3-Year-olds' comprehension, production, and generalization of Sesotho passives. *Cognition*, v. 115, n. 2, p. 238-251, 2010.
- DE VILLIERS, Jill G. et al. Children's comprehension of relative clauses. *Journal of psycholinguistic Research*, v. 8, n. 5, p. 499-518, 1979.
- FRIEDMANN, Naama; BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. Relativized relatives: Types of intervention in the acquisition of A-bar dependencies. *Lingua*, v. 119, n. 1, p. 67-88, 2009.
- FOX, Danny; GRODZINSKY, Yosef. Children's passive: A view from the by-phrase. *Linguistic Inquiry*, v. 29, n. 2, p. 311-332, 1998.
- GROLLA, Elaine; AUGUSTO, Marina. Absolute constructions in Brazilian Portuguese and relativized minimality effects in children's productions. *Proceedings of GALANA VI-Generative Approaches to Language Acquisition North America*. Somerville, MA: Cascadilla Press, p. 36-47, 2016.
- GUASTI, Maria Teresa; CARDINALETTI, Anna. Relative clause formation in Romance child's production. *Probus*, v. 15, n. 1, p. 47-89, 2003.
- JEREMY STANGROOM. Social Science Statistics, 2020. Fisher Exact Test Calculator. Disponível em: <<https://www.socscistatistics.com/tests/fisher/default2.aspx>>. Acesso em: 9 de set de 2020.
- JORGE, Paula Bauab. *O clítico se no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2016.
- KATO, Mary A. & NUNES, Jairo. Uma Análise Unificada dos Três Tipos de Relativas Restritivas do Português Brasileiro. *Revista Socio Dialeto*, v. 4, n. 12, edição especial, p. 575-590, 2014.
- KAYNE, Richard S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1994.
- KIM, Christina. Structural and thematic information in sentence production. In: *Proceedings of the 37th annual meeting of the north east linguistic society*. 2006. p. 59-72.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar (Volume II)*. Stanford University Press, Stanford, 1991.
- LIMA JUNIOR, J. C. *Aquisição e processamento de sentenças passivas: uma investigação experimental com infantes, crianças e adultos*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.
- MARATSOS, Michael et al. Semantic restrictions on children's passives. *Cognition*, v. 19, n. 2, p. 167-191, 1985.
- MESSENGER, Katherine et al. Is young children's passive syntax semantically constrained? Evidence from syntactic priming. *Journal of Memory and Language*, v. 66, n. 4, p. 568-587, 2012.
- MOMMA, Shota; SLEVC, L. Robert; PHILLIPS, Colin. Unaccusativity in sentence production. *Linguistic Inquiry*, v. 49, n. 1, p. 181-194, 2018.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani de Carvalho. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. *África no Brasil: A formação da língua portuguesa*, 2008.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani de Carvalho. A estrutura sintática das sentenças absolutas no português brasileiro. *Revista Linguística da ALFAL*, v. 23, p. 37-58, 2010.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani de Carvalho. Epistemological aspects of the study of the participation of African languages in Brazilian Portuguese. *Portugais et langues africaines: Études afro-brésiliennes*, p. 13-44, 2011.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani de Carvalho. Em busca de uma história linguística. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 2, p. 309-342, 2012.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani de Carvalho. Contato entre quimbundo e português clássico: impactos na gramática de impessoalização do português brasileiro e angolano. *Linguística*, v. 30, n. 2, p. 289-330, 2014.
- O'BRIEN, Karen; GROLLA, Elaine; LILLO-MARTIN, Diane. Long passives are understood by young children. In: *Proceedings from the 30th Boston university conference on language development*. Cascadilla Press Somerville, MA, 2006. p. 441-451.
- ORFITELLI, Robyn Marie. *Argument intervention in the acquisition of A-movement*. Tese de Doutorado – UCLA, 2012.
- PIERCE, Amy E. The acquisition of passives in Spanish and the question of A-chain maturation. *Language Acquisition*, v. 2, n. 1, p. 55-81, 1992.
- RANGEL, Marcelo Marques. *O traço de animacidade e as estratégias de relativização em português brasileiro infantil: um estudo experimental*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, 2017.

- RIZZI, Luigi. *Relativized minimality*. The MIT Press, 1990.
- SAS Institute Inc., SAS 9.4 Help and Documentation, Cary, NC: SAS Institute Inc., 2020.
- SNYDER, William; HYAMS, Nina. Minimality effects in children's passives. *Structures, strategies and beyond: Studies in honor of Adriana Belletti*, p. 343-368, 2015.
- UTZERI, Irene. The production and the acquisition of subject and object relative clauses in Italian: a comparative experimental study. *Nanzan Linguistics*, v. 2, 2007.
- VIVANCO, K.; PIRES, A. Aquisição de relativas de objeto no Português Brasileiro. *Anais do VIII ENAL/II EIAL Encontro Inter/Nacional sobre Aquisição da Linguagem*, 2012.

Recebido: 16/9/2020
Aceito: 2/3/2021
Publicado: 13/4/2021